

determina a função de cada uma, por exemplo a do verbo (1), e mostra que relações teem entre si, como se combinam e formam um sistema. Não se limita ao ponto de vista estritamente histórico, e define «a linguagem um sistema de que tôdas as partes podem e devem ser consideradas na sua solidariedade sincrônica» (2), o que em última análise leva a dar por objecto à lingüística o estudo do que se poderia chamar

Fonética e Semântica — Duas partes da lingüística aprezentam um interesse especial: a fonética e a semântica.

«As alterações fonéticas são ao mesmo tempo tão estranhas e tão regulares que a vontade humana parece não ser aí chamada para coisa alguma» (Bréal): escapam à consciência, parecem regidas por leis necessárias e cegas. Tentou-se a sua explicação pelo puro mecanismo fisiológico. A linguagem seria dotada duma vida própria; desenvolver-se-ia à maneira dum organismo (3). É uma concepção simplista, hoje abandonada. As línguas não teem uma origem natural nem uma origem mística; são productos humanos: desenvolvem-se, não por uma fatalidade orgânica, mas segundo o mecanismo do hábito: a imitação e a necessidade de ser compreendido estão na origem das transformações fonéticas; um hábito adquirido torna-se uma regra que se adopta, à qual instintivamente nos conformamos, e as formas já creadas servem de modelo a novas formas. As leis fonéticas não teem o rigôr das leis naturais; são «fórmulas que resumem processos, regras de correspondência», «não informam senão imperfeitamente sôbre a natureza da transformação cujo resultado registam; não são mais que uma média em que diversos processos complicados se resumem»; estão sujeitas a numerosas excepções, devidas, quer à captação, quer «a estas influências internas resumidas no que se chama a analogia» (Vendryès); numa palavra, são leis empíricas ou estatísticas, não propriamente científicas ou explicativas; teem sômente «êsse carácter de gene-

«o espírito da língua», e por isso mesmo o espírito de tal povo enquanto reflectido na sua língua, e o espírito humano em geral, tal como se manifesta em tôdas as línguas. O que aparece melhor ainda no ramo da lingüística que se chamou «a estilística» (1), e que é a psicologia de cada povo pela sua língua. A lingüística parece portanto não ter saído da lógica senão para entrar na psicologia.

ralidade e de constância que se observa nos fenómenos em que a vida das massas é interessada» (Bréal). Quere dizer que encontram a sua explicação última nas leis psicológicas e que, se os fenómenos fonéticos são inconscientes, é sômente enquanto respeitam, não à reflexão e ao raciocínio, mas à consciência que se ignora e à lógica instintiva que são a consciência e a lógica das multidões. É o lado social da linguagem que mascara o seu aspecto psicológico.

Se a fonética é a ciência da linguagem estudada sob o ponto de vista material, a semântica é a ciência da linguagem estudada sob o ponto de vista intelectual: uma é a ciência dos *sons*, a outra a dos *sentidos*. «Eu estudo, diz Bréal, as causas intellectuais que presidiram à transformação das nossas línguas e, afastando todas as causas secundárias, só me dirijo à causa verdadeira, que é a vontade humana», não sem dúvida a reflectida, mas a instintiva, procedendo por tentativas, por aproximações sucessivas. Ensinando-nos como é que as línguas se transformam, a semântica ensina-nos como é que elas se formam. Mostra-nos o espírito em acto, no exercício da sua função, porque falar é essencialmente atribuir um sentido às palavras. Ora uma palavra não tem um sentido único; é carregada de sentidos diversos, «latentes e virtuais» (polisemia); não toma um sentido determinado senão pelo emprêgo que dela se faz; quere dizer que tira o seu sentido da mentalidade dos que a empregam, e que varia com a idade, a cultura, a condição social, o mister, etc., — da natureza das coisas a que se aplica (agricultura, caça, arte, ciência, etc.). Estende-se ou restringe-se a significação dos termos segundo as necessidades do pensamento: é o pensamento que dirige a linguagem,

(1) Bréal, *Essai desémantique*. R. de la Graserie, du verbe comme générateur des autres parties du discours. 1914.

(2) F. de Saussure, *Cours de linguistique générale*, 1926.

(3) Bally, *le Langage et la Vie*, 1926.

(1) Bally, *le Langage et la vie*, 1926.